

AUTOR: SEVERINO MILANÊS

Proprietaria: Viúva José Bernardo da Silva

História das Três Princesas Encantadas



Autor: Severino Milanês
prop: viuva José Bernardo

As 3 Princesas Encantadas

Nos campos da Palestina
o sol surgia dourado
suas palhetas de ouro
cóbria a relva e o prado
envolvendo a natureza
num manto todo azulado

O vento agitava o campo
na folhagem sibilava
na copa dos arvoredos
o beija flor rutilava
a natureza tranquila
nessa hora despertava

O passarinho saudoso
soltava sua canção
a brisa suavemente
cortava na amplidão
a noite deixava o dia
em completa confusão

As abelhas nessa hora
sugavam o néctar da flor
as ovelhas pelo campo
acompanhavam o pastor
a natureza curvava-se
aos pés do Criador

(2)

Nessa hora rica e santa
três rapazes se achavam
com três cachorros de fila
aos montes se encaminhavam
no pé duma grande serra
há claco dias caçavam

Um deles era Agripino
era muito presunçoso
o segundo era Maurilo
um tipo pretencioso
o terceiro era Agenor
dos três o mais valoroso

Agenor era um rapaz
de forte musculatura
as feras ouviam o seu grito
temiam a sua bravura
tinha um metro e noventa
centímetros de altura

Aonde Agenor caçava
cobra corria assombrada
o tigre perdia o salto
leão deixava a morada
a fera que o enfrentasse
morria na sua espada

Um dia esses três rapazes
subiram uma colina
em cima havia uma fonte
jorrando água cristalina
na sombra de um pinheiro
de folhagem verde e fina

(3)

Eles descansaram ali
gozando as horas suaves
a fonte lhe oferecia
suas águas impagáveis
todos três se divertiam
com o gorgoeio das aves

Assim passaram dois dias
então no dia terceiro
Agenor disse: amanhã
aqui quem chegar primeiro
espere um pelo outro
na sombra dêste pinheiro

Agenor chamou seu cão
partiu furiosamente
Agripino encaminhou-se
para o lado do nascente
Maurilo tomou seu ponto
para o lado do poente

Com poucas horas Agenor
lutava com um leão
a fera estava faminta
rolava pedra no chão
voava terra no corpo
fazia rombo no chão

O leão ergueu as juba
ligeiramente pulou
Agenor pulou de banda
com a espada o cravou
o cão fez presa na goela
num instante estrangulou

(4)

Agenor disse; eu agora
vou um pouco descansar;
depois pegou a espada
começou a esfolar
da fera só quis o couro
deixou a carne ficar.

Então sem perda de tempo
seguiu em busca da caça
subiu a um grande monte
viu embaixo uma fumaça
ali havia uma pedra
alva como uma vidraça

Era uma grande pedra
muito bem esquadrejada
em cima havia uma marca
dum modo bem desenhada
da forma de uma porta
parecendo uma entrada.

Ele sentou-se na pedra
contemplou a pradaria
examinou bem a marca
que naquela pedra havia
lhe parecendo que ali
alguém entrava e saía

Agenor olhava a pedra
alva e bem calcionada
fazia mil pensamentos
terminava tudo em nada
só lhe parecia ser
uma cidade encantada

Ele aí mudou a vista
sem ter um atenuante
a marca que êle viu
abriu-se naquele instante
mas êle não pressentiu
essa passagem importante

Agenor pelo que viu
ficou impressionado
dizia dentro de si:
será um reino encantado?
de dentro vinha um perfume
que o deixou embriagado

Santo Deus, que pedra é essa?
êle consigo dizia;
olhava pra todo lado
nada mais aparecia
só via mesmo o desenho
porta mais não existia

Nesta hora a noite vinha
estendendo o negro manto
Agenor ali deitou-se
e o cão no mesmo canto
como quem dizia ao dono:
dorme que eu te garanto

Ele dormindo sonhou
que viu um corpo suspenso
de uma moça tão bonita
de um poderio imenso
que lhe disse: Agenor
ou ainda te pertença

No sonho lhe perguntou:
de onde vieste agora?
tu és princesa encantada?
ela disse sem demora:
sou a princesa Esmerina
do Reino da Branca Aurora.

- Tenho mais duas irmãs
de cabeleiras onduladas
de formosura tão rara
com os anjos comparadas
por causa dum cartomante
estamos aqui encantadas

- Esse infeliz cartomante
pretendia a minha mão
eu recusei e êle
pelo seu mau coração
transformou o reino em pedra.
vivemos na solidão

Ele transformou nós três
em três retratos somente
nos colocou em um quadro
oh! coração de serpente!
somos gentes sem ter vida
temos vida sem ser gente

- Até que apareça aqui
um jovem bem destemido
que entre de pedra adentro
lute e vença tal bandido
mas por capricho da sorte
isto não foi concedido

Nesse sonho êle colhia
da princesa o riso doce
o cão ladrava na pedra
e Agenor acordou-se
tinha a noite terminado
e o dia apresentou-se

Ele chamou o seu cão
seguiu sem perder roteiro
Maurilo com Agripino
tinham chegado primeiro
já lhe esperavam na fonte
na sombra de pau pinheiro

Ele abraçou os colegas
sentou-se instantaneamente
Maurilo notou que êle
estava com ar diferente
tanto que lhe perguntou:
se êle estava doente

— Não estou doente, diz ele
porém existe um motivo
vou explicar a voeês
não sei se é positivo
o que passou-se comigo
faz-me ficar pensativo

Ele em poucos minutos
narrou todo o ocorrido
como matou o leão
sem por êle ser ferido
da pedra que encontrou
e do sonho que tinha tido

-Sendo assim, disse Agripino
será grande novidade
amanhã nós seguiremos
com a maior brevidade
vamos olhar esta pedra
tirar a realidade

Na manhã do outro dia
seguiram então todos três
até que viram a pedra
com a sua polidez
ainda estava mais bela
do que da primeira vez

Viram a marca na pedra
da forma de um declive
sem chave e sem cadeado
pra eles aquilo era horrível
só não viram mesmo o sonho
porque era impossível

Eles concordaram ali
achando que merecia
dormirem na mesma pedra
e caçarem no outro dia
para ver se de grandeza
alguma coisa se via

Depois desta concordata
cada um se preveniu
porém num fechar de olho
a dita pedra se abriu
eles estavam em conversa
nenhum dos três pressentiu

Quando êles viram a entrada
 que de pedra a dentro ia
 e um perfume suave
 da mesma pedra saia
 como se fosse um recinto
 da mais alta burguezia

Maurilo disse: Agenor
 a situação é séria
 ou é reinado encantado
 ou é morada funéria
 dos espiritos invisíveis
 desligados da matéria

Agenor disse: agora
 o que devemos fazer
 é um cesto de cipó
 e uma corda se tecer
 se amarra o cesto com ela
 e dentro dela descer

-Tira-se muito cipó
 um tece e outro repuxa
 tece-se uma corda forte
 forra-se o cesto com bucha
 quem tiver coragem desse
 o medroso é quem puxa

Concordaram e cada um
 agarrou a sua espada
 um cortava outro trazia
 numa palestra animada
 Agenor ficou na pedra
 espreitando a grande entrada

Até que fizeram o cesto
que cabia uma pessoa
teceram mais uma corda
sem fazerem cousa à tóa
com cem metros de tamanho
grossa, resistente e boa

Agenor disse aos amigos:
nem um de nós se aborrece
está feito o cesto e a corda
mas outra coisa carece
falta-se saber agora
dos três qual é o que desce

Agripino aí elismou
e ficou medtabundo
olhava para o buraco
via um abismo tão fundo
e disse logo: eu não desço
por todo ouro do mundo

Disse Maurilo: eu também
fico de fora e não entro
pode isso ser o inferno
quando eu chegar no centro
o diabo fechar a porta
e eu morrer queimado dentro

Agenor disse: eu desço
com a espada na mão
o que vier eu enfrento
alma, fantasma ou bução
se a corda não terminar
vou encostar no porão

—Tenho estratégica de arma
sou musculoso e possante
eu de espada em punho
não vejo quem me espante
fantasma que não se esconda
reino qu'eu não desencante

—Quando eu descer no cesto
pra eu não me consumir
deu um sinal a vocês
pra quando eu quiser subir;
pego na corda e balanço
puxem que quero sair

—Está muito bom o sinal;
assim concordaram os três
Agenor disse: eu desço
confiando em vocês
quando balançar a corda
puxem o cesto duma vez

E cinquenta e cinco metros
desceu na escuridão
aí o cesto parou
Agenor disse então:
ou a corda terminou
ou eu cheguei no porão

De fato, não enganou-se
o que consigo pensou
era um salão majestoso
uma luz fina brilhou
as belezas que haviam
ali o admirou

Em frente havia um portão
de pilar bem construído
prêso por uma corrente
de aço fino polido
por cima um cadeado
de metal príncipe brunido

Tinha rios toalhados
cadeiras de finas malhas
torneiras e lavatórios
afiadores e navalhas
bacias e saboneteiras
jarros e porta-toalhas

Finas espreguiçadeiras
sofá e ventiladores
desenho, fotos, gravuras
champagnes, vinhos, licôras
espelhos e cristaleiras
relógios despertadores

Bancadas de marfim puro
de pilares arqueados
mesas para refeição
com pratos marmorizados
talheres de prata e ouro
de brilhantes cravejados

Cama das mais importantes
de madeira do Oriente
acolchoados de sêda
por um sistema imponente
Agenor olhava tudo
mas não viu um só vivente

Agenor viu em um quarto
três gravuras desenhadas
e três princesas tão belas
que estavam ali retratadas
ali via-se os retratos
mas elas eram encantadas

Os retratos das princesas
eram de tal raridade
eram três corpos perfeitos
três rostos de santidade
eram três santas rezando
nos pés de uma divindade

Devido tanta beleza
Agenor ficou risonho
das três princesas a mais nova
tinha o semblante tristonho
disse ela: foi esta mesmo
que me apareceu em sonho

Agenor sentia fome
mas firme se conservava
ai ouviu uma voz
e uma sombra que passava
dizendo: venha jantar;
e nada mais lhe falava

Na mesa havia um cardápio
Agenor pensou pegá-lo
com este dito assim:
«este reino é um regalo
«será feliz o cristão
«que vier desencantá-lo»

Disse Agenor; sendo assim
vou ver se a sorte me quer
se não morrer eu descubro
tudo quanto aqui houver
sou moço estou preparado
para o que der e vier

Quando Agenor terminou
de fazer a refeição
viu abrir-se em sua frente
um grandioso portão
de dentro saiu um monstro
num bodejado do cão

Pergunta o monstro: quem foi
que deu-lhe o atrevimento
de transpor o que eu fiz
sem possuir elemento?
Agenor disse: cale-se
tipo ruim e nojento!

O monstro tinha as orelhas
compridas e acabanadas
a boca era uma cratera
as prêsas bem aguçadas
o dente menor do monstro
tinha doze polegadas

Torna o monstro a perguntar:
de onde vem, tipo imundo?
disse Agenor: é um homem
que veio do outro mundo
mas não aceita pilheria
de um tipo vagabundo

O monstro disse consigo:
hoje aqui não sai-se bem
da forma que é lá é cá:
Agenor disse também:
eu quero dar-lhe um purgante
que nunca dei a ninguém

Entre os 2 travou-se a luta
cada qual com mais bravura
disse Agenor: minha espada
onde bate corta e fura
doutor não passa remédio
nem a medicina cura

-Sendo assim; disse o monstro
pega mesmo do meu jeito
meu alfange quando passa
rasga da cabeça ao peito
médico não tem valor
remédio não tem efeito

Nisso uma voz feminina
ouviu-se naquele abrigo
dizia assim: Agenor
livra-me dêste inimigo
que meu amor casto e puro
eu juro partir contigo

Quando Agenor viu
essa voz calma e fagueira
firmou-se no pé direito
deu-lhe um golpe na moleira
e outra no coração
e aiu aquela porqueira

O monstro caiu morrendo
mele que só uma papa
disse Agenor: minha espada
faz buraco e ninguém tapa
passei o primeiro risco
venci a primeira etapa

Quando o monstro caiu morto
a voz lhe disse: Agenor
és feliz porque mataste
êste monstro traider
já podes dizer que és
herdeiro de meu amor

A mesma voz lhe dizia:
não tem que se encomodar
desse principio a vitória
nada aqui há de faltar
tome banho, troque de roupa
e depois vá descansar

Agenor ouviu bater
seis horas no carrilhão
êle entrou no banheiro
banhou-se a satisfação
trocou de roupa e sentou-se
na mesa da refeição

Depois da ceia, Agenor
ouviu a mesma voz sonora
dizer-lhe; é bom sair
não convém fazer demora
a sua cama está pronta
vá dormir que já é hora

Agenor disse: ó Deus
 o que será que acontece?
 ouço a voz, não vejo o vulto
 do ente que me conhece!
 a voz disse: é muito cedo
 quando fôr tempo aparece

Agenor entrou no quarto
 viu uma cama sem dono
 um cortinado de seda
 parecendo ser um trono
 destas que a gente se deita
 dorme sem estar com sono

Quando Agenor deitou-se
 naquela cama macia
 a sombra de uma mão
 desligou a luz que havia
 o silêncio tomou conta
 do mistério que existia

Quando desligou a luz
 Agenor teve um sobroço
 porque sentiu o contato
 dum braço roliço e grosso
 e uma mão perfumada
 que passava em seu pescoço

Aí êle adormeceu
 até quando se acordou
 que braço grosso era aquele?
 foi logo o que se lembrou
 —E que mão seria aquela
 que em meu pescoço passou?

—Que lugar misterioso
em tudo sem movimento!
aqui a brisa não passa
nem sequer forceja o vento
é certo que existe luz
mas não a do firmamento!

Agenor estava pensando
naquela situação
quando jogaram um anel
que bateu na sua mão
brilhava igual a uma estrêla
de uma constelação

Era um grande talismã
cravado com 3 turquezas
e umas letras dizendo:
faça essas 3 defesas
risque o anel nos retratos
que desencanta as princesas

Ele pegou o anel
as 3 turquezas brilharam
riscou o anel nos quadros
todas três se transformaram
em três princesas tão belas
a seus pés se ajoelharam

A primeira era mais alta
chamava-se Bnedina
a segunda era Odete
uma imagem divina
a caçula era a mais bela
justamente era Esmerina

Disse Esmerina: eu te vi
quando tu foste chegado
então cheguei transformada
te vi na pedra deitado
tu pensavas que era sonho
por fim estavas acordado

Disse Esmerina: Agenor
eu assisti o momento
em que mataste o monstro
sem ter esmorecimento
eu tirei o anel do dedo
segui pro meu aposento

- Por meio deste anel
que joguei na tua mão
o monstro nos transformou
sem a menor compaixão
enquanto o monstro com vida
ninguém aqui tinha ação

- Esse anel na minha mão
não tinha valor de nada
se eu riscasse os retratos
seria mais castigada
dobrava mais o encanto
ficava mais encantada

- O monstro matou meu pai
porque casar eu não quis
com esse ódio o monstro
transformou nosso país
nos encantou nos retratos
aquele instinto infeliz

—Estamos desencantadas
a ti a vida devemos
mas o reino está em pedras
é toda riqueza que temos
e pra desencantar tudo
o mistério não sabemos

Disse Agenor: que importa
de ter me sacrificado
pra desencantar vocês
sair daqui arrasado
o teu amor, Esmerina
vale por todo reinado

Porém Esmerina tinha
quatro pedras de brilhante
num cofrezinho de ouro
cada mais interessante
que trocadas por moedas
dava uma soma importante

Disse Agenor: agora
nós vamos sair daqui
primeiro eu mando vocês
naquele cesto ali
depois eu por derradeiro
vou subindo de persi

Com estas frases Esmerina
beijou-o com mais pudor
e devido aquele beijo
ser dado com tanto amor
quase que deixava os lábios
na cara de Agenor

Ele pegou Esmerina
sentiu um prazer infundo
botou-a dentro do cesto
ela sentou-se sorrindo
ai balançou a corda
lá vai o cesto subindo

Para encurtar a história
assim subiram as três
êle ficou esperando
com a sua placidez
porém leitor, Agenor
enganou-se dessa vez

Quando Agripino e Maurilo
viram aquelas feições
disserem: são 3 imagens
que vêm de outras regiões!
uma maldadê satânica
atacou-lhes os corações

Maurilo disse: Agripino
vamos levá-las pra gente
não se desce mais o cesto
Agenor lá que se aguente
se êle quisesse princesa
tinha saído na frente

Disse Esmerina: Maurilo
não seja assim tão tirano
não deixe Agenor ficar
por nosso Deus soberano
quem tem um coração dêsse
prova que não é humano!

Matem a mim mas não deixem
êle em tal tirania
antes estivesse encantada
para mim melhor seria
do que deixar Agenor
sofrendo tanta agonia

Mas êles não atenderam
aquela reclamação
conduziram as 3 princesas
sem atenderem razão
elas choravam que as lágrimas
enodoava o chão

O cachorro de Agenor
amigo leal e fino
acompanhava as princesas
naquele bosque ferino
nunca perdeu o roteiro
de Maurilo e Agripino

Ficou Agenor ali
quasse a perder o sentido
não viu o cêsto descer
disse: já sei fui traído
por aqueles dois covardes
tudo que fiz foi perdido

O que Agenor encontrou
o leitor está ciente
quando as princesas saíram
mudou tudo de repente
transformou-se tudo em pedra
restava uma luz somente

Comida mais não havia
mesa mais não encontrou
cama desapareceu
êle aí desanimou
só lhe restava a ossada
do monstro que êle matou

— Infames! disse Agenor
morrerei neste castigo
ah! se eu inda saísse
de dentro desse perigo
vocês pagavam-me caro
o que fizeram comigo

Nesse momento Agenor
uma grande porta viu
adiante era uma sala
de onde o monstro saiu
êle pegou a espada
para lá se dirigiu

A sala era onde o monstro
estava de noite e dia
era um grande reservado
que todo mistério havia
aonde havia dois liquidos
que ninguém os conhecia

Um liquido roxo, outro verde
em 2 vidros reservados
uma rotulagem fina
e todos dois bem selados
e as receitas ensinando
os seguintes resultados

O roxo dizia assim:
se quer encontrar alguém
jogue um pingo deste liquido
naquillo que lhe convém
transforma qualquer reinado
encanta tudo que tem

No liquido verde se lia
o seguinte resultado:
derrame um pingo deste
que onde for espalhado
verá se desencantar
tudo que está encantado

Dizia a mesma receita:
esta água é muito fina
mais ela só faz efeito
como a receita ensina
se os vidros forem abertos
pela princesa Esmerina

Agenor leu a receita
ficou muito desanimado
—Esmerina aqui não está
morrerei aqui trancado
só vós, grande Deus, me salva
deste abismo desgraçado

Ora leitor, as princesas
muito longe já estavam
as lembranças de Agenor
eram estas que furavam
as saudades eram lágrimas
que dos seus olhos rolavam

Porém 2 príncipes da Grécia
traziam como sigilo
uma embaixada a um rei
nas margens do rio Nilo
encontraram as 3 princesas
com Agripino e Maurilo

Assim que as 3 princesas
os 2 príncipes avistaram
quase loucas e assim mesmo
com êles se abraçaram
os príncipes não esperavam
com isso se admiraram

Os 2 covardes com raiva
aos príncipes se dirigiram
as princezas esmoreceram
e sobre a terra caíram
nisso a batalha engrossou
e as espadas tairam

Dos príncipes não se sabia
qual seria o mais forte
se uma espada era boa
a outra tinha bom corte
já na Grécia eram chamados
pela coluna da morte

O cachorro de Agenor
aos 2 príncipes ajudava
partia para os covardes
trincava os dentes e rosnava
sonde batia os dentes
era um taco que arrancava

Dentro de poucos minutos
estava terminada a luta
os 2 covardes morreram
na batalha absoluta
tiveram a recompensa
da ação péssima e bruta

Muito difícil era agora
leitor, os príncipes encontrar
aonde Agenor estava
como podiam acertar?
as princesas não sabiam
o roteiro pra voltar

Ficaram as princesas salvas
mas triste por outro lado
elas contaram aos príncipes
tudo quanto foi passado
dos covardes a tirania
que haviam praticado

O cachorro festejava
os príncipes com tal carinho
pra onde estava Agenor
êle botava o focinho
como quem dizia: vamos
que eu ensino o caminho

Disseram os príncipes: esse cão
conhece bem o lugar
aonde Agenor ficou
êle é capaz de ensinar
êle indo em nossa frente
é muito fácil acertar

O cachorro ouvindo isto
com os príncipes se abraçava
ia perto das princesas
cheirava o mato e pulava
botava o focinho no chão
na frente deles marchava

Os príncipes que viajavam
em dois camelos ferçosos
montaram as 3 princesas
com seus braços valorosos
seguiram em busca da serra
vencendo montes escabrosos

Gigante o velho cachorro
não perdia a direção
não falava mais latia
dando uma compreensão
que ia bem satisfeito
cumprir a sua missão

Então os príncipes seguiram
pelo cachorro guiados
junto com as 3 princesas
destros e bem animados
certando as relvas rasteiras
dos campos aureolados

O horizonte surgia
naqueles campos azuis
nas terras da velha Ásia
terra de fonte e de luz
pátria da Família Santa
aonde nasceu Jesus

Afinal com muitas léguas
na viagem agonizante
no ramaihar das palmeiras
daquele bosque constante
avistaram a dita pedra
alva, grande e deslumbrante

O cachorro viu a pedra
tornou-se inda mais ativo
aumentava mais o chôto
no roteiro positivo
talvez consigo dizendo:
meu senhor inda está vivo?

Dali a poucos minutos
da pedra se aproximaram
devido a tanta beleza
os principes se admiraram
o cesto estava da forma
que os covardes deixaram

Os principes desceram o cesto
provando serem de bem;
- Vocês não chorem, princesas
aperrelo aqui não tem
se Agener estiver vivo
com tôda certeza vem

Agener coitado, estava
com tôda lôrça abatida
a sede secava os lábios
a fome cortava a vida
por felicidade a luz
lhe iluminava a guarida

Nesse momento Agenor
oprimido e sofrendo
dizia: aqui morrerrei
neste sofrimento horrendo!
foi quando Agenor viu
o grande cesto descendo

Quando Agenor viu o cesto
na sua espada pegou
como também os 2 líquidos
e no cesto se sentou
deu um vai e vem na corda
quem estava em cima puxou

Agenor chegou em cima
viu a luz do sol brilhar
conheceu logo Esmerina
disse: estarei a sonhar?
a alegria de ambos
não se podia calcular

O cachorro de Agenor
que chamava-se gigante
abraçava-o no pescoço
dava pulo interessante
lhe dando prova que era
amigo firme e constante

Agenor perguntou a êles:
o que foi que aconteceu
com Agripino e Maurilo?
Esmerina respondeu:
demore que vai saber
tudo quanto aconteceu

Reuniram-se as princesas
todo passado contaram
as aflições dolorosas
os desgostos que passaram
e a grande felicidade
quando os fidalgos encontraram

-Olha, vêes aqueles príncipes?
foi a nossa salvação
vinha da Grécia ao Egito
cumprindo uma missão
entregarem uma embaixada
a um rei doutra nação

-Nós estávamos chorando
os príncipes apareceram
nós lhe pedimos socorro
e eles nos atenderam
aí travou-se uma luta
e os 2 covardes morreram

Depois da luta os príncipes
vieram nos perguntar
se nós tínhamos noções
do roteiro pra voltar
nenhuma das 3 sabias
não podíamos ensinar

-Nesse momento o cachorro
solto um uivo de dor
dando saber aos príncipes
que era conhecedor
e que sabia ensinar
onde estava seu senhor

Os príncipes vendo esta ação
seguiram rapidamente
disseram: vamos, princesas
este cão ensina a gente
nós seguiremos atrás
e ele sempre na frente

— Até que chegamos aqui
onde estava detido
se não fôsse esse cachorro
estava tudo perdido
não sabíamos voltar
e você tinha morrido

Agenor abraçou o cão
um dos amigos leais
curvou-se ante as princesas
dizendo: não sofro mais
e entregou a Esmerina
um dos líquidos colossais

Como também o anel
que ele tinha guardado
entregou a Esmerina
o talismã invejado
porque ele nas mãos dela
ia dar bom resultado

O vidro do líquido verde
Esmerina destampou
em cima da grande pedra
num canto e noutro pingou
tudo que estava encantado
ali se desencantou

Os príncipes se admiraram
quando viram a raridade
transformou-se aquela pedra
em uma grande cidade
sendo a mais rica e bonita
encanto da mocidade

Então o nome dos príncipes
eu quero dizer aqui
um do outro era irmão
e mais velho era Nabi
então o príncipe mais novo
chamava-se Carobi

Numa grande catedral
muito asseada e fina
casou Nabi com Odete
Carobi com Enequina
por derradeiro Agenor
casou-se com Esmerina

Realizou-se o sonho
que Agenor teve outrora
acabou-se o sofrimento
tudo ali era melhora
ficaram os 3 dominando
o Reino da Branca Aurora

F I M — Juazeiro 30-6--1973

Ver. 76, 469, 964, 965, 1744

3115

Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce
Variado sortimento de romances folhetos e orações. Desconto aos revendedores

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

*Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco*

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café S. Miguel, dentro do Mercado Central — Fortaleza — Ceará

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1825 -- Natal-R.G.N.

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

*Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém — Pará*

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

*Rua Eng. Paulo Lopes, 695—Lote 4
Bangu — Rio — GB*

PIO JOSÉ DE ALMEIDA

*Mercadinho Modelo, Box N. 6
Porto Velho -- terr. Fed. de Rondônia*